

Nossa mesa de pingue-pongue

Na minha casa tinha uma mesa velha de pingue-pongue, mas não dessas elegantes, verdes, com cara de quadra de tênis em miniatura. A nossa era mais simples, cor de madeira mesmo. Tinha, acho, o comprimento certo, mas, era, sem dúvida, mais estreita do que devia. Pra mim isso não tinha nenhuma importância, pois, nessa época, era muito baixinho e ainda não tinha nem tamanho nem competência para jogar pingue-pongue. Mesmo assim aquela mesa era preciosa.

Meu irmão Alberto, amigos da vizinhança e eu dávamos a ela as mais variadas utilidades. Com colchas, cobertores e lençóis colocados em cima do tampo e seguros por livros, fazíamos grutas, cabanas e esconderijos debaixo da mesa. Para o ambiente escuro levávamos almofadas, travesseiros e lanternas e passávamos a tarde inteira brincando. Levávamos comida também.

Às vezes, alguns eram bandidos que precisavam conquistar um castelo defendido pelos outros. No meio da luta parávamos para comer biscoitos e tomar limonada que ninguém é de ferro.

Certa vez, era inverno, não sei quem teve a infeliz idéia de brincar de fogueira debaixo da mesa. Deu uma fumaceira dos diabos e foi uma das piores broncas que levei na vida até hoje.

De vez em quando, colocávamos cadeiras enfileiradas em cima da mesa. Na frente de tudo, um banquinho de piano desses redondos que giram. Era o guidon e então nossa mesa de pingue-pongue virava um avião. E lá íamos nós voando pelos ares do mundo. Lembro que achei uns óculos velhos do meu pai e, quando era minha vez de ser piloto, colocava os tais óculos e um capacete de ferro, lembrança de alguém que lutou na revolução de 32. O problema é que meu pai era míope pra chuchu e com aquelas lentes grossas não dava para enxergar coisa nenhuma. Isso, claro, tornava nossos vôos bem mais arriscados e emocionantes.